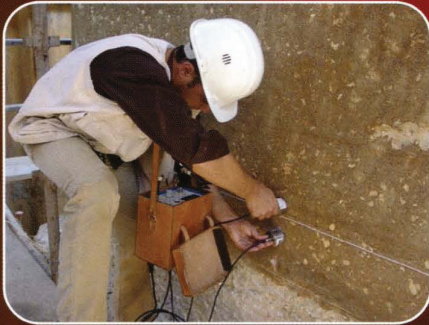


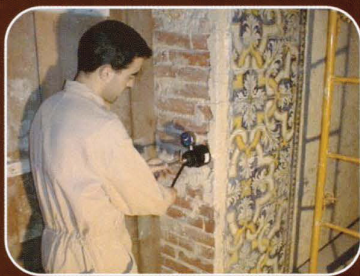
Diagnóstico,
Levantamento
e Controlo de Qualidade
em Estruturas
e Fundações, Lda.



Rua Pedro Nunes, n.º 45 - 1.º Esq. 1050-170 Lisboa
Tel.: 213 563 371 Fax: 213 153 550
E-mail: ger@oz-diagnostico.pt
www.oz-diagnostico.pt



Ensaio de ultra-sons na Ponte Angeja



Avaliação das propriedades
mecânicas de uma argamassa de
assentamento, através do ensaio
de arrancamento de uma hélice



Observação boroscópica de uma parede



Extracção de carote na laje de cobertura
de um edifício, para caracterização do
material

INSPECÇÃO E DIAGNÓSTICO DE CONSTRUÇÕES ANTIGAS: ANTES DE INTERVIR, CONHECER

Com cerca de vinte anos de experiência e detentora de uma certificação ISO 9001:2000, a Oz está em condições de prestar um conjunto de serviços de qualidade, numa área de grande exigência, de forte componente tecnológica e de constante inovação. Entre estes serviços, destacam-se:

1. Vistoria de edifícios e outras estruturas com identificação e registo de anomalias.
2. Monitorização topográfica para acompanhamento de deformações e movimentos das estruturas.
3. Levantamento da geometria, constituição e implantação dos elementos estruturais e fundações.
4. Ensaios para caracterização da resistência e estado de conservação dos materiais e elementos estruturais.
5. Elaboração de projectos de reabilitação energética e ambiental de edifícios. *
6. Elaboração de planos de manutenção de edifícios (de habitação, de serviços) e de infra-estruturas (industriais, de transportes). *
7. Revisão de projectos de construção nova ou de reabilitação de construções existentes.
8. Modelação estrutural utilizando programas de cálculo avançados.
9. Simulação tridimensional ("restauro virtual") para fins arquitectónicos, arqueológicos ou museológicos. *
10. Concepção e realização de acções de formação especializada, na área da reabilitação das construções (a empresa é entidade formadora acreditada pelo IQF). *

*serviços não abrangidos, à data, pelo âmbito da certificação.



A Oz é uma empresa do Grupo Stap, ao qual pertencem, também, a Mestres Carpinteiros, Ld.ª, a Monumenta, Ld.ª, a Stap, SA e a Tecnoconcrete, Ld.ª.



Heranças urbanas portuguesas em Marrocos



Fig. 1 - BRAUN, Georg, HOGENBERG, Frans, NOVELLANUS, Simon - Civitates Orbis Terrarum (Seba). Antuerpiae Coloniae: Apud Philippum Galleum / Apud Auctores, 1572 (BNL)

INTRODUÇÃO

As duas margens do estreito de Gibraltar partilham um longo passado de interacção social, militar e cultural entre Norte e Sul. A presença portuguesa no Norte de África teve, efectivamente, início com a conquista de Ceuta, em 1415, e terminou com a evacuação de Mazagão, em 1769.

Todas as ocupações e fundações localizavam-se num território que corresponde, hoje em dia, ao Reino de Marrocos⁽¹⁾. O domínio caracterizou-se pelo estabelecimento de pontos isolados e fortificados ao longo da costa, revelando uma enorme dificuldade em penetrar para o *hinterland*. Podemos falar de dois tipos de implantação no território: conquista e fundação. A conquista foi um processo muito mais vantajoso para Portugal, não só por fornecer um tecido urbano e comercial existente, como também pela avaliação da duração dessas possessões: Ceuta (1415-1640), Alcácer Ceguer (1458-1550), Arzila (1471-1550), Tânger (1471-1661), no norte, e ainda Safim (1508-1541) e Azamor (1513-1541), mais para sul. Este artigo propõe-se passar em revista o encontro entre dois modelos urbanos diferentes nestes seis casos, ou seja, o impacto da chegada de um novo poder e de um novo credo e, por conseguinte, uma reavaliação do espaço construído e urbano.

Nas cidades conquistadas pelos portugueses no Norte de África imperou uma atitude pragmática orientada para a sustentabilidade de praças de guerra isoladas em território hostil.

Cet article a comme thème centrale la conquête et l'occupation de villes islamiques en Afrique du Nord par les portugais entre le XVe et le XVIe siècles. L'analyse porte sur les six principaux cas d'étude - Ceuta, Qsar es-Seghir, Asilah, Tanger, Safi et Azemmour - où la durée de la présence portugaise permet l'extrapolation de modèles et d'instruments d'appropriation des villes préexistantes.

L'impact de l'arrivée d'un pouvoir et d'une croyance nouveaux a exigé une réévaluation de l'espace bâti et urbain. On a opéré à des significatives réductions de périmètre et de surface des aires occupées, à travers un processus qui a reçu la désignation de *atalho* (raccourci). Découlant d'un esprit profondément rational, cette technique a provoqué un examen radical des villes appropriées.

Operaram-se significativas reduções de perímetro e superfície das áreas ocupadas, num processo que se vulgarizou como *atalho*. Decorrente de um espírito profundamente racional, esta técnica provocou um exame radical das cidades apropriadas, regularizando-as geometricamente, aproximando-as do canal marítimo, reequacionando a sua disposição interior e, por conseguinte, demarcando o estrato português até ao presente, no panorama das actuais cidades marroquinas.

CEUTA

Ceuta medieval era formada por um núcleo urbano, denominado *medina*, na zona mais estreita do istmo. Para oriente, na direcção do monte Acho, e ocidente, para o interior do continente, espalhavam-se vários arrabaldes adjacentes. Os portugueses apreenderam esta divisão territorial durante a tomada, ao atravessarem diversas barreiras amuralhadas ou fossos, mais tarde descritos na crónica de Zurara⁽²⁾ (fig. 1).

Tratava-se definitivamente de uma área demasiado ampla para os portugueses defenderem. Uma redução do perímetro encolheu a superfície total para 14%, concentrados na antiga *medina*. Os trabalhos de fortificação deste *atalho* prolongaram-se até 1514⁽³⁾. A reforma moderna, resultante da inspecção por Benedetto da Ravenna e Miguel de Arruda em 1541, consubstanciar-se-ia num projecto que previa o reforço das estruturas fortificadas do perímetro da cidade, ou seja, o rectângulo atalhado português⁽⁴⁾.

Intra-muros, uma praça central distribuía os pólos mais importantes: o castelo (antiga *kasbah*), a catedral (antiga mesquita maior), a igreja de N. Sr.^a de África, o convento franciscano de S. Tiago (antiga *madrassa* Al Jadida) e a rua Direita. Esta organizava toda a zona a oriente da praça principal.

Hoje, a Ceuta espanhola recuperou muita da sua extensão medieval, crescendo sobretudo para a zona continental do enclave.

ALCÁZER CEGUER (QSAR ES-SEGHIR)

Alcázer Ceguer permaneceu abandonada depois de 1550 e apresenta-se, hoje, como um campo arqueológico. Da análise desta vila resulta a ocorrência de uma regularização formal que terá conduzido à figura de um círculo quase perfeito, de aproximadamente noventa metros de raio.

Os relatórios das escavações explicam um aspecto fundamental, ou seja, como a cidade portuguesa se impôs à islâmica⁽⁵⁾. Os edifícios públicos mais importantes foram levantados sobre as estruturas notáveis do estrato precedente: a igreja sobre a mesquita e a prisão no *hammam* (banhos públicos). O castelo encerrou a antiga Porta do Mar (*Babal Bahar*), usada para paço do capitão, e assumia a ligação com o mar através de um longo braço fortificado – a couraça (fig. 2). A rua Direita ligava esta porta com a de Ceuta, afirmando-se como eixo dorsal que distribuía ramificações perpendiculares, fomentando um sistema viário reticular que procurava enfiamentos e ortogonalidades.



Fig. 2 - Alcázer Ceguer: vestígios da couraça sobre a praia



Fig. 3 - Arzila: vista geral, desde o porto

ARZILA (ASYLAH)

Ocupada em 1471, Arzila beneficiou de um tratado de paz durante cerca de trinta anos estabelecido entre o monarca português e o sultão merínida. Porém, o cerco de 1508 despoletou o processo da construção de um atalho dentado, que reduziu Arzila para 45%. O novo desenho planimétrico era composto pelo castelo, no qual se localizava a igreja sobre a mesquita pré-existente, como habitual, e a vila propriamente dita, rasgada pela axialidade da rua Direita, por sua vez delimitada por quarteirões tendencialmente quadrangulares.

Embora ainda seja possível detectar o contorno original da cidade islâmica anterior, hoje a *medina* mantém-se contida na figura portuguesa de dois rectângulos justapostos. Como charneira destes dois recintos amuralhados, sentinela sobre a Porta da Ribeira, encontra-se, ainda hoje, a Torre de Menagem, resistente marco tardo-gótico em África (fig. 3).

TÂNGER

Durante os quase dois séculos que os portugueses permaneceram em Tânger, antes de a entregarem aos britânicos, a cidade testemunhou alguns momentos urbanos marcantes.

Indiscutivelmente, a decisão de atalhar a enorme área merínida introduziu uma nova dinâmica que prevaleceu até aos nossos dias. De facto, a *medina* presente é o resultado da introdução secante de dois panos de muralha abertos num ângulo de



Fig. 4 - Tânger: vista aérea da medina, 1925 (DPC-MCC)



Fig. 5 - Safim: vista aérea da medina, 1925 (DPC-MCC)

noventa graus (fig. 4). A cortina sul mostra ainda evidências morfológicas de uma renovação do início do século XVI, numa altura em que se procurava uma certa regularidade do interior.

O eixo principal, comunicando o campo com o mar, era interrompido a meio do seu percurso por um espaço público aberto, praça de reunião, distribuição e comércio, chamada *Petit Socco*, actualmente, substituindo o *Grand Socco*, outrora a grande praça central da Tânger medieval islâmica, agora uma praça exterior à *medina*.

SAFIM (ASFI)

Hoje em dia é difícil visualizar a Safim islâmica medieval, antes de cair em mãos portuguesas em 1508. A presente linearidade denuncia uma intenção deliberada de unir o castelo com o mar (fig. 5). As transformações portuguesas não reduziram o perímetro mas diminuíram a superfície e a *medina* de Safim ocupa actualmente menos de dois terços da sua configuração medieval, fruto de um duplo atalho.

O sistema de comunicação do conjunto urbano é ainda "chefiado" pela antiga rua Direita, agora *Rue des Marchés*, ligando o porto e a praia com a *Bab Chabah*, antiga Porta da Almedina. Indícios de perpendicularidades ou paralelismos irradiam desta rua na vila baixa, que alojava a catedral, o convento de Santa Catarina, a alfândega, o porto e o mercado, enquanto a alta estava centralizada na antiga alcáçova transformada em castelo.

AZAMOR (AZEMMOUR)

Na margem esquerda do rio *Oumer Rebia*, próximo da sua foz, Azamor cedo padeceu de problemas de acessibilidade durante a estação seca

(fig. 6). A necessidade de uma praça sustentável depressa se generalizou após a conquista de 1513.

A decisão e a construção de um atalho aparecem bem documentadas desde os primeiros anos da presença portuguesa⁽⁶⁾. Defendida por novos baluartes, a área reduzida, denominada castelo, cobria menos de um terço da antiga *medina* muçulmana. Permanecia suficientemente grande e o rei ordenou que toda a população fosse aí alojada, casas construídas e ruas traçadas. A figura alongada na margem do rio foi encolhida para um quadrângulo no norte por uma cortina amuralhada secante, permeável a meio pela Porta da Vila. Para o interior, próximo desta entrada, a igreja consagrou-se na mesquita e uma nova casa do capitão levantou-se junto ao terreiro, do qual partia a rua Direita. Em direcção à Porta da Ribeira, ladeada pela alfândega e feitoria, este canal emergia como o principal acesso distributivo entre os centros comercial e administrativo.

CONCLUSÕES


Controlo da dimensão, geometria, linearidade de canais, perspectiva e espaço público são conceitos que os portugueses empiricamente utilizaram, aplicando uma análise e método caso a caso. Reforçam um conhecimento tradicional europeu de expansão da regularidade, claramente identificado pelas tardo-medievais *bastides* ou vilas novas, “exportadas” para o Norte de África com a continuação duma reconquista cristã tardia para lá do Mediterrâneo. Vieram a colidir com princípios de privacidade e de espaço público definido (mesquita e banhos). Da colisão até aos dias de hoje, estas cidades aprenderam a retirar o máximo proveito dos sistemas mais favoráveis. Uma profunda re-islamização dos tecidos constitui a chave para a compreensão do modo actual de vida e reconstrução. Em suma, esta metamorfose continua a ocorrer quotidianamente, conduzindo um movimento cíclico na história urbana das cidades ocupadas pelos portugueses. 



Fig. 6 - Azamor: panorama geral sobre o rio Oum er Rebia

BIBLIOGRAFIA

- CORREIA, Jorge (2006). Implantação da cidade portuguesa no Norte de África. Tese de doutoramento apresentada à FAUP, Porto.
- GOZALVES BUSTO, Guillermo (1980). “Tanger medieval”, in *Cuadernos de la Biblioteca Española de Tetuán*, nº 21-22, Tetuan, pp. 199-265.
- GOZALBES CRAVIOTO, Carlos (1993). “La topografía urbana de Ceuta, en La cronica de Tomada de Gomes Eanes de Zurara”, in HERRAZTI, Alberto (1993). *Ceuta Hispano-Portuguesa*, Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties, pp. 189-206.
- GUEVARA, Adolfo L. (1940). *Arcila durante la ocupación Portuguesa (1471-1549)*, Tânger: Instituto General Franco.
- LA VÉRONNE, Chantal de (1972). *Tanger sous l'occupation anglaise d'après une description anonyme de 1674*, Paris : Geuthner.
- MOREIRA, Rafael (1989). *Portugal no Mundo, História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, Lisboa: Alfa.
- SOUSA VITERBO, Francisco (1899-1922, ed. Fac-simile: 1988). *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, 3 vols., Lisboa: INCM.

NOTAS

- ⁽¹⁾ A excepção é Ceuta, praça indispensável à cabal compreensão da presença portuguesa no Magrebe.
- ⁽²⁾ ZURARA, Gomes Eanes de (ed.: PEREIRA, Francisco Maria Esteves, 1915). *Crónica da tomada de Ceuta*, Lisboa: Academia das Ciências.
- ⁽³⁾ Obras inspeccionadas por Boytac e Bastião Luís: *Livro das medidas das obras de Alcácer, Ceuta, Tanger e Arzilla*, ANTT - Núcleo Antigo, nº769, fl.41-47v.
- ⁽⁴⁾ *Apontamentos a respeito da forma do castelo de Ceuta*, in Gavetas da Torre do Tombo, vol. V, pp. 79-81 (3533. XV, 17-9).
- ⁽⁵⁾ REDMAN, Charles L., BONNE, James L. - “Qsar es-Seghir (Alcácer Ceguer): a 15th and 16th portuguese colony in North Africa”, in *Separata de STUDIA*, nº 41-42, Lisboa, 1979, pp. 5-47.
- ⁽⁶⁾ *Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc*, Dynastie Sa'dienne, Archives et Bibliothèques de Portugal, première partie, tome I, pp. 438-442.

JORGE CORREIA,
Arquitecto, Professor no Departamento
Autónomo de Arquitectura da
Universidade do Minho (DAAUM)